

O segredo das borboletas

Flávia Côrtes

O segredo não é correr atrás das borboletas... É cuidar do jardim, para que elas venham até você.

(Mário Quintana)

A bisavó estava diante da penteadeira olhando para uma antiga caixinha de música, com o desenho de uma borboleta na tampa.

- Foi o bisavô que deu para a senhora, não foi?

- Foi – respondeu, franzindo a testa confusa. - Não sei. Acho que foi.

A moça abriu a caixinha e não havia nada em seu interior, apenas retalhos poídos do que fora um forro de veludo vermelho. Buscou a manivela na parte de baixo e deu corda. Um som harmonioso preencheu seus ouvidos.

- Eu perdi, perdi! – choramingou a bisa, aflita, tomando a caixinha da mão da moça e olhando inconformada para o seu interior.

- Perdeu o quê, bisa? Não tinha nada aí.

- Não tinha porque eu perdi, ora. Perdi. A minha borboleta. Minha borboletinha...

A moça gostaria de perguntar mais, tentar descobrir algo através dos fragmentos de lucidez que ainda restavam na bisavó, mas sabia que insistir só a deixaria mais aflita. Optou por calar-se e permanecer ao lado da bisa, ouvindo a música da caixinha até o fim.

Uma lágrima rolou pelo rosto da bisavó.

Mas a moça não viu.

I

O quarto estava tomado pela penumbra naquela manhã. Sobre a cama desarrumada, alguns cobertores e uma montanha de travesseiros. Um degradê em tons de rosa e lilás. O pequeno volume sob os tecidos entregava que havia alguém ali. Alguém não muito alto. No cômodo, além da cama, uma antiga escrivaninha branca e uma poltrona confortável com estampa floral, nada mais. Uma voz grave e masculina preencheu o vazio daquele espaço.

... A previsão de hoje é de tempo bom para todo o Rio de Janeiro. Sem as pancadas de chuva ácida dos últimos dias. A temperatura ficará amena, em torno dos 46 graus Celsius, mas os índices de raios Ultra Violeta continuam extremos, por isso não saiam de casa sem seus agasalhos climatizados, com blindagem UV.

Entretanto, de acordo com nossos meteorologistas, a temporada de ventos árticos virá mais cedo este ano, podendo alcançar a costa carioca entre a primeira ou terceira hora solar de sábado. Há possibilidade de formação de tornados.

Mas encare pelo lado positivo, caro ouvinte, você poderá se refugiar debaixo das cobertas e se deleitar com a maviosa voz deste locutor que vos fala.

- Há! Muito engraçado! - uma mão delicada livrou-se das cobertas e desligou o despertador. *Preciso me lembrar de tirar do modo rádio e pôr uma música para variar*, pensou a moça, sentando-se na cama para espreguiçar.

Aquele era o dia mais importante de sua vida, o dia em que absolutamente tudo o que conhecia poderia virar de cabeça para baixo, em que sua lealdade à humanidade seria testada. Estava perfeitamente ciente dos riscos que corriam, inclusive o de extinção. O professor havia deixado isso muito claro desde o princípio. Mas o que significava uma baixa... ou, nesse caso, três... diante do que vislumbravam

alcançar? O que significava a morte de um ou três indivíduos para libertar a humanidade inteira? Nada. Estava pronta para o que viesse.

No entanto, não era hora de mergulhar em pensamentos negativos. O professor havia alertado quanto a isso. Nos momentos finais seria difícil não pensar no pior. Mas eles estavam preparados. Ela estava preparada. Foram meses de pesquisas e planejamento. Tudo daria certo. Não havia por que sair algo errado. Era tudo uma questão de cálculo.

Mas seria o cúmulo se atrasar por distração. Precisava se arrumar. Tomou um banho rápido, vestiu-se e escovou os cabelos cor de rosa, deixando-os soltos, por cima do casaco de capuz. Não eram tão longos, pouco passavam dos ombros, e para enfrentar o sol forte era só colocá-los para dentro. Tinha de concordar quando sua mãe dizia que roupas refrigeradas foram a melhor invenção daquele século. Poucos minutos depois, ela descia as escadas, com uma enorme mochila nas costas.

- Bom dia, Kira. - a mãe preparava a refeição da manhã na bancada da cozinha, sua aparência era cansada.

- Bom dia, mamãe. Ela não te deixou dormir direito de novo? - perguntou, enquanto beijava a cabeça de uma senhorinha idosa que remexia uma tigela de mingau. - Bom dia, bisa.

- Ela não está fácil – sussurrou a mãe, quando Kira se aproximou para lhe dar um beijo de bom dia. - Cismou com *aquele assunto* novamente. Queria porque queria sair no meio da noite para procurá-lo. Tive de inventar uma história para convencê-la.

Kira lançou um olhar para a senhorinha que sorria, enquanto esfarelava um biscoito de aveia. Não fosse a idade avançada, o olhar distraído se confundiria com o de qualquer adolescente apaixonada.

Como teria sido ela na juventude? Sabia que com apenas 12 anos tinha convencido o colégio e a comunidade a formarem uma comissão e ir até a prefeitura exigir melhorias nas praças públicas do bairro. Sua foto havia estampado vários jornais, com a manchete “Gente que Faz”. Título que continuou honrando por toda a juventude. E agora lá estava ela, mal se lembrando do próprio nome.

- O que temos para o café? – perguntou Kira, afastando os pensamentos negativos.

- Já dissolvi seu extrato de laranja, a caneca está aí na mesa. Sua torrada está quase pronta. – a mãe agora cuidava da idosa, afastando a louça usada por ela e limpando o canto de sua boca com um guardanapo. Com o mesmo carinho que se cuida de um bebê.

Kira tomou um gole do suco de laranja artificial e desejou ao menos uma vez na vida poder experimentar um suco de verdade feito a partir de frutas colhidas no pé, e não de um concentrado químico preparado em laboratório e aromatizado artificialmente.

Mas será que algum dia veria uma fruta de verdade?

Ela terminou de comer e se levantou apressada para sair.

- Ei, moça! Não está esquecendo de nada?

- Mas disseram no rádio que o tempo ia melhorar — reclamou, pegando o chip regularizador de temperatura que a mãe lhe estendia.

- Nunca se sabe. Melhor prevenir do que remediar. Você pode precisar alterar a programação da sua roupa.

Ela pegou o chip e o encaixou numa cavidade do casaco. Foi possível ouvi-lo carregando no sistema computadorizado ligado ao tecido.

- Disseram também que os ventos chegarão mais cedo este ano. – disse Kira. - No sábado.

- Droga! Lá se vão meus planos para o fim de semana! Queria tanto visitar as ruínas do antigo palácio da Quinta da Boa Vista. Dizem que encontraram ossos de dinossauros que costumavam ficar expostos lá.

Kira também não sabia se teria um bom final de semana. Não sabia sequer se teria um final de semana. Num rompante, abraçou a mãe com força, surpreendendo-a. Por mais remota que fosse, havia a possibilidade de ser a última vez que se viam. Sabia que ao pisar no colégio naquela manhã, poderia estar dando um outro rumo à

sua história, colocando-se diante de um perigo que sequer podia imaginar a extensão. Mas todos os riscos valiam à pena. Pior do que estavam não poderiam ficar.

- Kira, minha linda – disse a senhorinha, num dos raros momentos em que aparentava plena lucidez.

- Sim, bisa?

- Você pode fazer a minha unha hoje? Estou pensando em usar rosa, a cor preferida do Vitor Hugo.

- Mas eu pinteí a sua unha ontem mesmo. E olha – disse a garota, pegando a mão enrugada da bisavó para lhe mostrar as unhas bem cuidadas. – já está rosa. Como a senhora me pediu ontem.

- Mas este rosa é muito sem graça! – resmungou, puxando a mão e escondendo-a debaixo da toalha da mesa. – Eu quero um rosa mais rosadinho, este é muito desmilinguido.

- Está bem, bisa. Eu pinto quando voltar do colégio – suspirou Kira, resignada. Não havia por que discutir e aborrecê-la.

- E você acha que eu preciso fazer algo nos meus cabelos? – perguntou, passando as mãos pelos fios brancos.

- Não, bisa. A senhora está linda.

Mudando novamente o semblante e aparentando estar distante dali, a senhorinha ainda comentou:

- Será que o Vitor Hugo vai chegar cedo para o jantar? Estou pensando em fazer aquele risoto para ele hoje.

Kira e sua mãe trocaram olhares, entristecidas. A mãe se aproximou da mesa e passou a mão gentilmente pelos ralos fios prateados da cabeça da avó.

- Vovó, a senhora não se lembra que o vovô Vitor não está mais aqui entre nós?

- Claro que não, sua boba! – exclamou, ofendida. - Como poderia estar aqui? Está muito cedo ainda. Esta hora ele ainda está no centro da cidade, trabalhando.

- Melhor não insistir, mamãe. – aconselhou Kira. - Deixe ela acreditar, o que é que tem?

- É, você está certa. – concordou, andando de um lado para o outro, apoiando a testa com uma mão. - A gente explica, explica e dois minutos depois ela já esqueceu novamente. Como é triste isso! Que doença cruel!

- Bom, tenho de ir, senão perco o *airbus*.

Kira fechou o casaco e colocou o capuz enquanto descia a rua em direção ao ponto. Chegando à estação, digitou seu código em uma das telas de parede e aguardou o ônibus movido a ar que a levaria ao colégio. No trajeto, observou o mar onde antes era a Baía da Guanabara e que agora se estendia até as montanhas. Viu as duas ilhas que um dia haviam sido o Pão de Açúcar e tentou visualizar como eram antes de serem parcialmente cobertas pelo mar, e como seria andar de bondinho na época de sua bisavó.

Faltava pouco, muito pouco para sua vida mudar drasticamente. Ela sentia um frio na barriga, mas iria até as últimas consequências. Torcia para que os garotos não se atrasassem daquela vez. O plano tinha de sair exatamente conforme o combinado, nos mínimos detalhes.

Enquanto isso, perto dali, Thor saía do prédio em que morava e atravessava o pátio de entrada, apressado. Já estava em cima da hora e precisava correr para não se atrasar. Combinar de encontrar o Breno para irem juntos havia sido uma péssima ideia, ele nunca conseguia chegar na hora em lugar algum. Fora ingênuo de acreditar que naquele dia seria diferente.

Desanimado, o rapaz sacudiu a cabeça, ajeitou a enorme mochila sobre os ombros e começou a descer a ladeira. Precisava correr para manter a palavra dada ao professor. Que o Breno se virasse sozinho.

- Thor! Thor! Espera aí! – Breno virava a esquina correndo esbaforido e rapidamente o alcançou no meio da ladeira.

- Já tinha desistido de você – falou secamente, sem diminuir o passo.

- Notei – disse ofegante. – Isso foi errado, você tinha combinado comigo.

- Combinei de irmos juntos, não de estragarmos todo o plano juntos. Estamos planejando isso por tempo demais para darmos para trás agora. O mundo inteiro depende de nós.

- Quem disse que eu ia dar para trás? Cheguei na hora, não cheguei?

- Deixa para lá. Melhor acelerarmos o passo, senão perderemos o *airbus*. Se perdermos esse, pode ser tarde demais - e reparando o pequeno volume nas costas de Breno, perguntou: – Ué, você só vai levar isso? Não sabemos por quantos dias vamos precisar ficar lá. *Se é que vamos voltar*, pensou, mas não disse. Falar em voz alta era como dar o fracasso por certo.

- Não preciso de muita coisa. Me viro muito bem assim. Pelo tamanho da tua mochila, começo a ficar preocupado com o que a Kira está levando. Mulher não consegue viajar com pouco.

Ainda que acelerassem o passo até a estação, não chegaram a tempo de pegar o ônibus. O próximo só passaria em 15 ou 20 minutos. Irritado, Thor arrancou o gorro climatizado da cabeça e o bateu com força no joelho, sentando-se em um dos bancos que havia na estação.

- Droga! Só faltava essa!

Enquanto resmungava e pensava em como chegariam ao colégio a tempo no dia mais importante de suas vidas, Thor não percebeu que um veículo passou, freiou, e retornou de ré, parando diante dele. A janela fosca do banco da frente se tornou transparente e ele pode ver o homem idoso que o dirigia. Tinha uma sinal do lado esquerdo do rosto, em forma de um pequeno coração. A calvície tomava-lhe quase toda a cabeça e apresentava um leve tremor nas mãos já com marcas senis.

- Atrasado Thor? Precisando de carona?

- Seu João Pedro! O senhor apareceu na hora certa!

Breno ainda cochichou no ouvido do amigo que ele era louco de aceitar carona de um velho caduco, que já deveria ter sido proibido de dirigir há séculos, mas a pressa falou mais alto e os dois entraram no veículo.

Kira chegava ao portão de entrada quando o carro encostou para os garotos saírem.

O homem se curvou sobre o assento do carona para cumprimentá-la.

- Bom dia, Kira. Como está sua bisa?

- Bem, obrigada. – respondeu a garota, notando um lampejo estranho no olhar do homem.

Os rapazes se adiantaram para o portão enquanto ela dava atenção ao senhor, por educação. Aquele homem estava sempre muito interessado em dona Maria Eduarda e pedia notícias toda vez que encontrava a garota, o que a deixava muito incomodada, sabendo de seu passado. Seu João Pedro tinha a fama de ser um homem solitário, que havia passado a vida sem esposa, filhos ou amigos, mergulhado em trabalho, rabujento e amargurado com tudo e com todos. Ele só era simpático quando o assunto se referia à dona Maria Eduarda.

- Eu iria visitá-la, mas sabe como é, posso deixá-la agitada – ele disse.

A garota desejou que a conversa acabasse por ali. Mas, como era de sua natureza, respondeu gentilmente:

- Sim, nem sempre ela se lembra de muita coisa. Ou pessoas.

- Vamos, Kira – chamou Thor, notando o desconforto da garota, além da preocupação crescente com o horário.

O porteiro abriu o portão para os três amigos, que entraram rapidamente. Não havia mais nenhum coordenador no pátio e era melhor assim; não precisariam justificar o porquê de não irem direto para a próxima aula e seguir em direção ao antigo depósito do almoxarifado, atualmente uma sala interditada.

Atravessaram o salão fechado e coberto pelo teto transparente e protetor. Kira lembrou-se das antigas fotos que vira daquele espaço reservado aos alunos, quando havia sido um pátio de terra, com muitas árvores e jardins floridos.

- Esse homem me dá arrepios – revelou Kira, retomando o assunto, enquanto caminhavam pelo longo corredor.

- Notei. Mas por quê? – perguntou Thor.

- Em mim também – disse Breno. – Eu não teria aceitado a carona se estivesse sozinho. Aliás, não sei como é que o velho rabujento te ofereceu carona de livre e espontânea vontade.

- Comigo ele sempre foi legal – esclareceu Thor.

- Ele vive tentando saber notícias da bisa. Chega a me dar arrepios isso, nem sei bem por quê.

- É... dona Maria Eduarda destruindo corações ainda hoje – brincou Breno. – Imagine o que vamos descobrir sobre ela nessa viagem.

- Não tem graça, Breno. Temos de ter muito cuidado com o que diremos a ela lá – lembrou-lhe Kira, reparando de repente no volume de sua mochila. – É só isso que você vai levar, garoto?

- Eu também falei – suspirou Thor.

- Um hum – Breno limitou-se a responder. – Olha, vão na frente, que já alcanço vocês.

- Vai aonde? Não temos muito tempo – reclamou Thor.

- Vou só tirar uma água do joelho e já volto – respondeu, atravessando rapidamente uma porta do outro lado do corredor.

- Eu sabia que não devia ter perguntado – Thor balançou a cabeça e continuou o caminho com a amiga, que parecia também já estar acostumada com o jeito do outro.

O peso da mochila começava a machucar os ombros de Kira e foi com alívio que ela a colocou sobre uma das mesas do almoxarifado.

No canto, sem se abalar com a entrada repentina dos jovens, o professor se ocupava com os últimos ajustes nas três peças que tinha sobre a mesa.

- Ainda preparando os *chronos*? – ela perguntou.

- Bom dia! – cumprimentou, sem parar de mexer nos três relógios de pulso à sua frente. – Na verdade, estava fazendo uma última checagem. Os *chronos* já estão prontos e ajustados em sincronia. Mas o último ajuste precisa ser perfeito para que tudo corra como o planejado.

Ouviu-se o som abafado da porta sendo destravada e logo depois Breno entrava apressado, deixando a mochila sobre a mesa perto da entrada, assim como Kira e Thor haviam feito.

- Desculpe o atraso – falou, buscando um local para ficar entre as inúmeras pilhas de caixas empoeiradas.

- Não se preocupe, estamos dentro do cronograma – afirmou o professor, dando por terminado o trabalho e entregando um relógio prateado para cada um dos jovens, que imediatamente os colocava no pulso. - E então? Como se sentem, sabendo que em poucas horas estarão viajando no tempo, de volta à 2013?

- É... 75 anos é muita coisa – respondeu Thor, olhando fascinado para as inscrições do aro extra do relógio.

- Dá um frio na barriga – disse Kira, com dificuldade de abotoar o seu.

- Pois eu acho estimulante – contestou Breno, ajudando a garota.

O professor arrastou uma cadeira e convidou os jovens a sentarem-se à sua frente.

- Temos algumas coisas a rever antes da partida de vocês. Sua missão é sem precedentes. Como sabem, eu mesmo iria, não fosse um velho como eu ser totalmente ignorado por uma jovem adolescente daquela época.

- Se não te colocassem num hospício, como louco – disse Breno.

- Ainda me sinto meio aérea por saber que daqui a pouco vou encontrar minha bisavó em sua versão adolescente. - Kira respirava com dificuldade e levou a mão à barriga numa tentativa de retomar o fôlego.

- Estou satisfeito com o rumo que esta minha pesquisa tomou. Estamos muito perto de mudarmos o mundo como o conhecemos hoje, de fazermos história.